

1946 / CINCO NATAIS DE GUERRA SEGUIDOS DE UM FRAGMENTO EM LOUVOR DE J. S. BACH

Eugénio Lisboa*

“É muito fina a minha mágoa / neste Natal que, à beira de água, / referve em multidões embriagadas”. Este poema, alusivo ao Natal do ano de 1946, é um dos “Cinco Natais de Guerra Seguidos de um Fragmento em Louvor de J. S. Bach”, inseridos no livro *Pedra Filosofal*, de 1950. É um dos quinze que, entre 1938 e 1977, Jorge de Sena escreveu (12 publicados e três inéditos), explicitamente os indicando como poemas natalícios. Houve mesmo questão de se publicar, no ano de 1980, um pequeno livro incluindo esses quinze poemas, para o qual ainda escrevi um prefácio intitulado “Os anti-Natais de Jorge de Sena”. Por razões que ignoro, esse livro nunca veio à luz do dia.

Além destes, outros poemas de Sena aludem a esta quadra “festiva”, embora o autor os não tenha explicitamente intitulado poemas de Natal. Por aqui se pode ver que o tema do Natal o preocupava de modo suficientemente intenso e recorrente, mas não convencionalmente celebrativo. De facto, os “natais” de Jorge de Sena não são euforicamente alusivos à quadra, antes se nos apresentam como exercícios claramente disfóricos, como “versos de Natal raivoso”, como indica no poema “Sobre uma antologia lírica de Natal”, inserido no livro *40 Anos de Servidão*. Nesse mesmo poema, faz uma aberta caçoada à liturgia quase pagã do Natal: *“Brinquedos, prendas, doces, bacalhau, / missa do galo, o sapatinho, o abeto / a concorrer pagão com o presépio, / cartões de Boas Festas, e as cantigas / nacionais importadas e folclóricas, / e pombinhas lá da paz de maus poetas, / e a fé sem fé da crença que não crê, / ou escreve versos de Natal raivoso, / e peste e fome e guerra e dor de não / doer o coração que não existe.*

De facto, Sena tem com o Natal, que repetidamente glosa, uma relação singular de raivoso ressentimento. No poema “Natal de 1971”, questiona,

com vigor, o sentido (ou falta dele) do Natal: “Natal de quê? De quem? / Daqueles que o não têm? / Dos que não são cristãos? / Ou de quem traz às costas / As cinzas de milhões? / Natal de paz agora / nesta terra de sangue? / Natal da liberdade / num mundo de oprimidos? / Natal de uma justiça / roubada sempre a todos?” etc. Todo o poema é uma eloquente diatribe ao Natal, que o poeta desfigura com empenhado acinte.

No poema que nos diz respeito – “Natal de 1946” – o poeta situa o Natal contra um mundo de “frio”, de “fria (...) mágoa”, de “apagadas brasas”, de “esperança perdida”, de “fundo (...) desvão”, onde o sujeito do poema se encontra “frio e só”. É, em suma, um Natal que não redime, que não acolhe com calor, um Natal durante o qual se perpetua a “solidão do amor” e onde a “esperança de o cantar” euforicamente não passa de “presunçoso dó”. Trata-se, para tudo dizer – e di-lo o último verso do poema – de um “ridículo Natal, miséria e nada.” O poeta não podia ser mais categórico, na sua demissão disfórica desta data, que dir-se-ia requerer, antes, uma celebração eufórica. O poeta aparenta estar a sugerir que, dentro de nós, o Natal, de facto, não existe.

Do texto que atrás referi – “Os anti-natais de Jorge de Sena” –, transcrevo uma pequena passagem que me parece esclarecedora: “A época do Natal constituía para Jorge de Sena, segundo testemunho de quem com ele de perto conviveu, um período de especial inquietação, nervosismo e, frequentemente, depressão. Haveria, a partir de certa altura, uma [outra] razão: o “estar longe”, fora da “antiga e fácil pátria da amargura” que ele acusa e agride mas não esquece nem deixa de obsessivamente amar. Há isso. Mas há também, neste gigante nervoso, a aguda ressonância de uma consciência para quem uma data que se presume simbolizar a fraternidade, a paz e a harmonia lhe não traz senão notícias de “Natais sempre de guerra” e “da traição de que fomos contra a vida”” Com efeito, a “paz sonhada” e desejada não passa, afinal, di-lo um verso do poema em estudo, de um “mau hábito infantil” e não de uma realidade redentora.

* Nasceu em Lourenço Marques, Moçambique. Foi docente de Literatura nas Universidades de Lourenço Marques, Pretoria (UNISA), Estocolmo e Aveiro. Conselheiro Cultural na embaixada em Londres (1978–1995). Presidente da Comissão Nacional da UNESCO (1995–1998). Tem vasta obra ensaística e crítica, obra poética, obra memorialista (6vols.) e diarística (2 vols.)